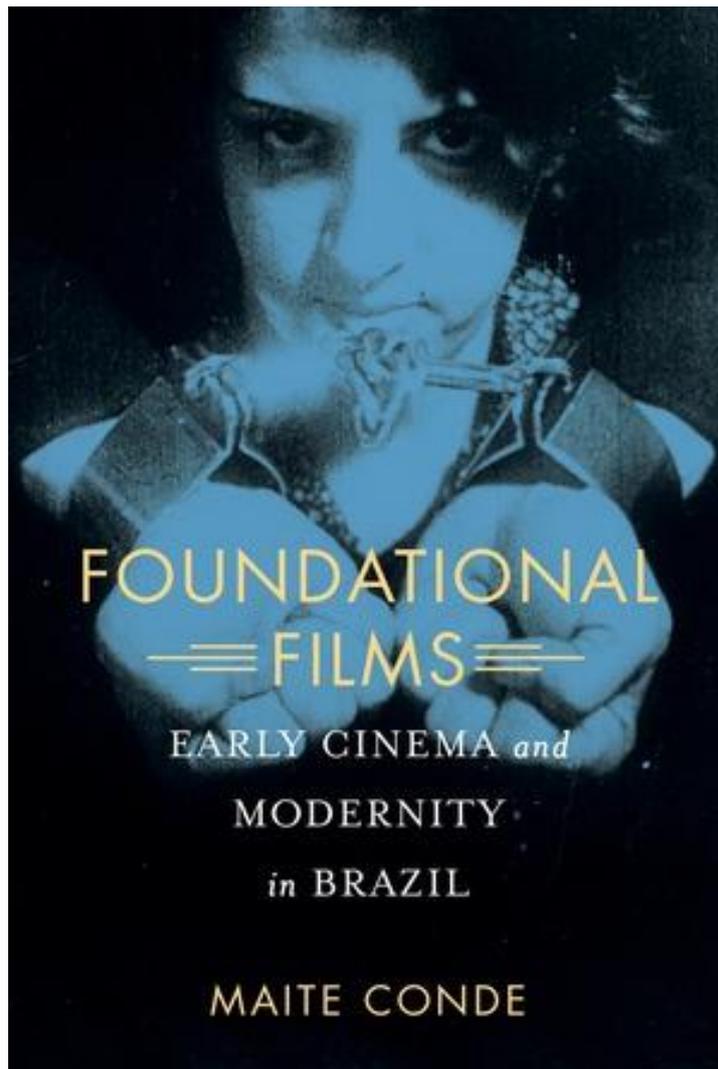


Recensões

Fundações permanentes

Albert Elduque¹



Conde, Maite. 2018. *Foundational Films: Early Cinema and Modernity in Brazil*. Oakland: University of California Press. 306 pp.

O título de *Foundational Films: Early Cinema and Modernity in Brazil* (2018) está inspirado em *Foundational Fictions: The National*

¹ Centre for Film Aesthetics and Cultures/University of Reading, Whiteknights, PO Box 217, Reading, Berkshire, RG6 6AH, United Kingdom.

Romances of Latin America (1991/1993), de Doris Sommer. No seu livro, Sommer analisa a interligação entre política e literatura romântica na América Latina do século XIX, onde a construção das identidades nacionais veio acompanhada e propulsada por romances que viraram “tão claramente identificáveis como hinos” (1993, 4; todas as traduções são minhas). Para Sommer,

a relação entre romances e novos estados tem uma continuidade semelhante a uma fita de Moebius, onde os planos público e privado, as causas aparentes e os efeitos putativos, se emaranham um no outro. ‘Essas ficções têm ajudado, desde o começo, a dar forma à história que as engendrou,’ em palavras de Djelal Kadir. (1993, 7)

Nesta circulação entre arte e realidade, entre ideais e fatos, escritores e políticos eram com frequência a mesma pessoa, virando “autores que estavam preparando projetos nacionais através da ficção em prosa, e implementando ficções fundacionais através de campanhas legislativas ou militares” (1993, 7).

Maite Conde inicia seu *Foundational Films* no final dessa era de guerras de independência e declarações amorosas. Segundo ela, no final do século XIX a literatura romântica passou o bastão da construção nacional dos países latino-americanos aos meios de comunicação de massas, incluído o cinema, e o impulso erótico-patriótico dos romances cedeu seu lugar a uma retórica científica embebida da ideia de progresso (2018, 8). O foco de seu livro é o cinema na Primeira República Brasileira, isto é, do fim da monarquia em 1889 até a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930. Amplo no espectro temporal, o percurso inicia-se com a chegada do cinema no Brasil como uma tecnologia importada, em 1896, e estrutura-se em quatro blocos: a relação do cinema com a transformação do Rio de Janeiro durante a chamada *Belle Époque* (1906-1912), com ênfase na exibição de vistas urbanas e nos primeiros gêneros narrativos; a relação da sociedade brasileira com o cinema hollywoodiano nos anos 10 e 20, especialmente no caso da revista *Cinearte* e do filme *Thesouro perdido* (1927), de Humberto Mauro; a documentação fotográfica e fílmica da Comissão Rondon (1907-1930), que uniu as cidades da costa com a Amazônia através da construção da linha telegráfica, e criou um projeto etnográfico sobre um Brasil a ser ocupado e explorado; e a relação das vanguardas literária e cinematográfica com o cinema, a partir de escritores modernistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, e dos filmes *Limite* (Mário Peixoto, 1930) e *São Paulo, A sinfonia da metrópole* (Adalberto Kemeny e Rodolfo Lustig, 1929).

Maite Conde, que já abordou essa época no seu *Consuming visions: cinema, writing, and modernity in Rio de Janeiro* (2012), assinala que o livro quer fazer *zoom out* onde outros trabalhos têm feito *zoom in* (2018, 13). Sua abrangência é generosa mas não dispersiva: o leque teórico inclui olhares desde numerosas disciplinas, dentro e fora do Brasil, assim como um extenso trabalho de arquivo, que permite mapear estruturas cinematográficas de produção, distribuição e

exibição, e inseri-las nas realidades sociopolíticas do período e nos discursos que as moldavam. Os objetos de análise incluem filmes, revistas populares, fotografias etnográficas e poemas modernistas, que são postos em relação com movimentos culturais, reformas políticas, transformações urbanísticas, evoluções demográficas e vaivéns econômicos. Além disso, esse olhar panorâmico e exaustivo estabelece um inevitável diálogo entre a realidade brasileira e os fenômenos internacionais, diálogo que foi intenso na época e que agora é cuidadosamente estudado pela autora. Pela sua abrangência, *Foundational Films* pode ser lido como uma história do Brasil a partir da sua realidade cinematográfica; pelo seu trabalho de interlocução entre o nacional e o estrangeiro, é também uma história do cinema silencioso global desde a perspectiva do caso brasileiro.

A tese principal do livro é que houve uma interligação chave entre o cinema e o projeto modernizador da Primeira República, e que esse projeto modernizador foi pensado e orquestrado por uma elite que, mesmo admirando os modelos importados da Europa e dos Estados Unidos, não abriu mão das estruturas políticas e sociais herdadas da época colonial. Assim, a modernidade no Brasil foi sentida como um desejo e mostrada como um afeito, antes de ser vivenciada como uma realidade. O cinema vindo do exterior era a imagem que o Brasil queria emular, e o cinema produzido no país era o que o Brasil queria ser, sua maquiagem moderna, pronta tanto para os brasileiros como para o olhar e o bolso estrangeiros. Por baixo dessa máscara, tanto os filmes quanto a cultura cinematográfica da época se acomodaram às estruturas de uma sociedade arcaica, colonial e escravocrata, que abraçou o liberalismo burguês e o espírito progressista como imagem nova que deixava intatas as antigas estruturas.

Foundational Films desvenda assim as fascinantes contradições dos primeiros trinta anos de cinema no Brasil, com promessas de mudança finalmente inseridas na tradição, e desafios vindos da cultura popular ou das vanguardas com frequência mutilados nas mãos das elites. Com força dialética e mestria dramática, Conde rastreia essas contradições na ambiguidade entre disciplina e transgressão nos filmes policiais, nos papéis da mulher promovidos nas revistas populares e nas estruturas narrativas de filmes de índole diversa. Os capítulos dedicados a *Thesouro perdido* e *São Paulo, A sinfonia da metrópole*, por exemplo, são iluminadores: o filme de Humberto Mauro usa os recursos dramáticos do cinema hollywoodiano, mas a análise da estrutura narrativa revela relações entre personagens herdadas das estruturas escravocratas; *São Paulo, A sinfonia da metrópole* multiplica os pontos de vista para oferecer um retrato fragmentado da cidade moderna, mas acaba amarrando seu discurso com a proliferação de intertítulos para servir aos interesses das elites que financiavam o cinema na época. Nesse sentido, talvez o capítulo menos surpreendente é aquele dedicado a *Limite*, o filme de Mário Peixoto inspirado nas vanguardas europeias. Segundo Conde, com seu afastamento dos temas nacionais e especialmente com seu questionamento da progressão narrativa, *Limite* situa-se às avessas da

teleologia modernizadora da elite brasileira. Mesmo sendo historicamente forte, como todo o livro, o capítulo é menos revelador porque não estabelece contrastes com os referentes estrangeiros, apenas analogias, e se opõe completamente aos discursos modernizadores oficiais brasileiros, mesmo se foi dirigido por um artista de elite. Achamos que mereceria uma interrogação maior para ver como esse filme brasileiro se afasta de Jean Epstein ou Germaine Dulac e Dreyer, e o que resta nele dessa sociedade falsamente moderna onde foi criado.

Essa é nossa única ressalva para um livro apaixonante, tanto como a época que retrata. Cada um dos capítulos é valioso por ele mesmo, e o olhar global não oferece apenas um conjunto de ideias fortes sobre cinema silencioso, cultura popular e modernidade, mas também uma aproximação interessante à noção de fundação. Na verdade, o foco do livro nas primeiras décadas de existência do cinema pode levar ao engano. Para Conde, os filmes analisados foram fundacionais não por serem os primeiros, mas porque fundaram uma determinada ideia de nação: foram “filmes que conceberam um cinema nacional e a própria nação” (2018, 8-9). Na introdução, a autora delinea suas intenções afirmando que “no final do século o cinema articulou novas fundações para compor o Brasil em projetando sua imagem como moderno” (2018, 9); e, no encerramento, assegura que a chegada ao poder de Vargas em 1930, com seu inédito interesse no cinema como instrumento de propaganda para a forja do “povo-nação”, implicou “a formação de uma nova relação entre cinema e modernidade no Brasil, revelando uma nova narrativa na e para a história do cinema do país, e trazendo com isso novos filmes fundacionais” (2018, 245).

Assim, os filmes fundacionais aparecem tanto no início quanto no final do livro, sugerindo uma ideia que achamos chave, e que permanece subterrânea ao longo das páginas: que a fundação não é um momento inicial e localizado numa data, mas uma asserção que pode se produzir, repetir e reproduzir. Ao analisar um determinado fenômeno ao longo de mais de três décadas, a autora não anda à procura de rasgos homogêneos ou conceitos inamovíveis, também não de um momento fundador primordial. A fundação está sempre lá, na vontade de construir uma identidade nacional: o retrato urbano de *São Paulo, A sinfonia da metrópole*, cuja análise centra o último capítulo do livro, parece-nos tão fundacional quanto as vistas de Rio de Janeiro que constituem as primeiras imagens filmadas no Brasil.

Nesse trabalho entre imagem e história, nessa cinta de Moebius que Doris Sommer usava para falar do entrelaçamento entre literatura e política nas novas nações latino-americanas, a ideia de fundação está presente não como um momento, mas como um impulso, que se expande no tempo e permite pensar também noutras épocas: a era Vargas, os anos 60, a Retomada. Até nos leva a interrogar a nossa contemporaneidade, num Brasil desolado onde, provavelmente, novas imagens fundacionais da nação emergirão, seja na batuta conservadora e repressora do governo, seja nas reações que esse momento gera nos setores oprimidos ou indignados. O desafio será

saber identificá-las. E mesmo se o livro de Maite Conde está focado no cinema dos primórdios do século XX, a abrangência e espírito crítico das análises nele contidas podem nos aguçar os sentidos para nos ajudar nessa tarefa.

BIBLIOGRAFIA

Conde, Maite. 2012. *Consuming visions: cinema, writing, and modernity in Rio de Janeiro*. Charlottesville: University of Virginia Press.

Conde, Maite. 2018. *Foundational films: early cinema and modernity in Brazil*. Oakland: University of California Press.

Sommer, Doris. 1991/1993. *Foundational fictions: the national romances of Latin America*. Berkeley/Londres: University of California Press.